

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

O Evangelho de Lucas

Lição 11 - "Os últimos dias do ministério".

Lucas caps. 21 e 22.

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Queridos irmãos e amigos ouvintes: Na continuação destes estudos no Evangelho de Lucas, voltamos hoje nossa atenção para os capítulos 21 e 22.

O evangelista continua apresentando eventos ocorridos em Jerusalém, nos últimos dias de vida de Cristo. A rotina daqueles dias é apresentada nos versos 37 e 38 do capítulo 21: "*Jesus ensinava todos os dias no templo, mas à noite, saindo, ia pousar no monte das Oliveiras. E todo o povo madrugava para ir ter com ele no templo, a fim de ouvi-lo.*" E é no templo que ocorrem os dois primeiros incidentes do texto de hoje: a oferta da viúva pobre e o discurso escatológico de Jesus. O exemplo da viúva que ofertou duas pequenas, desprezíveis moedas foi ressaltado pelo Mestre pois ela deu tudo, ao contrário dos que, mesmo dando muito, davam das sobras. O exemplo dessa fiel se choca com as palavras de Jesus ao final do capítulo anterior, quando alertando contra os escribas, declarou que eles devoravam as casas das viúvas (20.47).

Do verso 5 ao 37 desse capítulo 21, temos o discurso escatológico de Jesus, a respeito do sinal do fim dos tempos. A arquitetura portentosa em pedras do templo é destacada por alguns dos que estão juntos do Mestre, e abre-lhe a oportunidade para ensinar a respeito do futuro. Acolhendo a sugestão do comentário bíblico Zondervan, devemos por nossa atenção nas exortações que Jesus aqui faz, encorajando seus discípulos à perseverança. Atentemos para esses nove imperativos do Mestre:

1. Não seguir falsos mestres (v.8);
2. Não se assustar com os eventos terríveis que virão associados ao final dos tempos (v.9-11);
3. Não se preocupar em como se defender quando acusados por testemunhar de Cristo (v.12-16);
4. Quando tudo se tornar contra nós, perseverar firmemente (v.17-19);
5. Fugir de Jerusalém, ao verem a cidade sendo cercada (v.20-24);
6. Quando os sinais terríveis começarem a se realizar, exultar e erguer a cabeça, pois a salvação está perto de se cumprir (v.25.28);
7. Ao vivenciar esses eventos reconhecer que o Reino de Deus está chegando (v.29-31);
8. Estar seguros de que Palavra de Deus permanecerá além da tribulação do apocalipse (v.32-33);
9. Ser vigilante e manter-se em oração para atravessar tal período permanecendo firme no Filho do Homem (v.34-36).

Esse discurso em Lucas marca o fim da presença do Mestre no templo de Jerusalém e de seus ensinamentos à multidão. O capítulo 22 nos relata dos acontecimentos do dia anterior à crucificação, na quinta-feira da paixão, quando ocorre a última ceia de Jesus, comemorando a Páscoa, sucedido pela sua prisão e pelo início do processo de seu julgamento.

O capítulo se inicia informando que Judas Iscariotes foi acertar-se com as autoridades judaicas para entregar o Mestre. Note-se no verso 3 que o evangelista deixa evidente que Satanás entrou em Judas e o induziu à traição, fazendo a conexão com

o início do relato, quando na tentação fomos informados que o Diabo se apartou de Jesus “até o momento oportuno.” (4.13). Os estudiosos da Bíblia situam esse ato de Judas na terça-feira, dando um espaço de 48 horas para que as providências para a entrega de Jesus pudessem ser coordenadas.

A ceia da Páscoa foi preparada por Pedro e João, seguindo as instruções de Jesus. Sempre que retornamos a esse relato nos deparamos com a mesma surpresa que provavelmente Pedro e João tiveram: como Jesus anteviu e pré-determinou os incidentes dessa preparação? Nenhum dos evangelhos nos dá qualquer pista a respeito, e na hora determinada o grupo apostólico tem seu último encontro com o Mestre: “Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes do meu sofrimento, Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus.” (22.15-16).

No seu relato dessa última Páscoa, Lucas enfatiza o aspecto de memorial: “fazei isto em memória de mim” (22.19). O relato da ceia termina com três advertências de Jesus: (1) para os discípulos que estavam discutindo a respeito de quem deles seria o maior: “o maior entre vós seja como o menor, e aquele que dirige seja como o que serve” (22.26); (2) Para Pedro, a quem Satanás reclamou: “Roguei por ti, para que tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (22.32); e (3) para os discípulos, essa que parece ser a declaração de emancipação deles, após toda a convivência e aprendizado com Jesus: “Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-vos, porventura, alguma coisa?Agora, porém, quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma.” (22.35-36).

Terminada a ceia, Jesus se dirige para o monte das Oliveiras, acompanhado de seus discípulos, para orar. Essa é o momento final de preparo para o cumprimento da sua missão no mundo. A dificuldade da hora se expressa na agonia, que produz suor em gotas de sangue, e na luta interior expressa na oração: “Pai, se queres, passa de mim este cálice, contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua.” (22.42).

Com certeza Judas sabia do hábito do Mestre de recolher-se à noite no monte das Oliveiras, para a oração. Longe das multidões, seria o lugar ideal para ser preso, e com o beijo da traição, Judas entrega o Mestre aos capitães do templo que vieram buscá-lo. Os discípulos acharam que essa era a hora que deveriam fazer uso da espada que Jesus lhes mandou portar e um deles corta a orelha do servo do sumo sacerdote, mas Jesus a restaura. Jesus é levado para a casa do sumo sacerdote, em cujo pátio Pedro, que de longe assistia o desenrolar dos acontecimentos, nega Jesus por três vezes, como advertido pelo Mestre ao final da última ceia.

Depois de zombarias e agressões, Jesus é conduzido ao Sinédrio, a assembleia principal dos Judeus, onde é condenado por blasfêmia, por se declarar Filho de Deus. O julgamento no Sinédrio ocorreu logo ao amanhecer, pois essa Assembleia não podia ser convocada e tomar decisões durante a noite. Finalmente, as autoridades conseguem o intento planejado desde muito antes: têm Jesus preso e com provas que julgam suficientes para condená-lo à morte, mas ainda era necessário obter a aprovação das autoridades romanas, a quem competia, com exclusividade ordenar a condenação. Esse será o assunto do nosso próximo encontro.

Que a graça de Deus fique conosco ao refletirmos no sofrimento de Cristo por nossos pecados.